

CAPÍTULO 3
**Residentes em Barbacena e o
impacto nas identidades**

As experiências que a família Gonzalez tem em Barbacena impactam as suas escolhas, de forma que eles se sentem empoderados para começar a viver como na Venezuela, adicionando aspectos da cultura brasileira à sua vida cotidiana. Encontram facilidade em criar vínculos em redes com outros venezuelanos residentes na cidade, mas também se deparam com certo isolamento social, devido à dificuldade de comunicação com brasileiros, além da discriminação, que influencia sua inserção na cidade.

Novas vivências e suas contribuições na construção das identidades

Depois de se estabelecerem em Barbacena, os membros da família começam a frequentar a igreja evangélica com que se identificam e, ao obterem seus empregos, outros aspectos das suas identidades são construídos. Na vida antes do Brasil, Olívia e Rafael eram jovens estudantes. Nessa nova realidade, ambos se encontram em uma posição de adultos e trabalhadores.

Agora estamos ficando um pouco melhor; todos lá em casa, graças a Deus, estamos trabalhando agora. Meu irmão, ele também pegou um emprego lá na Rivelli, minha irmã está trabalhando, cuidando do filho de uma moça, minha mãe também trabalha na Rivelli, e minha esposa quer trabalhar, ela fica cuidando do meu filho quando eu estou trabalhando agora e minha cunhada que também cuida do seu filho. (Rafael)

As novas profissões complementam suas identidades e dão uma camada nova às suas vidas. Rafael e a família vivem em

uma casa mantida pelo esforço de seu trabalho e ele está vivendo da forma que idealizou antes de chegar ao Brasil, exercendo seu papel de marido, pai e provedor de seu lar. Como foram ajudados, eles procuram ajudar outros, como seus parentes que ainda moram na Venezuela e seus pares, que encontraram em Boa Vista.

Olívia trabalha como babá e consegue contribuir em casa juntamente com sua mãe, e as duas também ajudam outros venezuelanos refugiados em Boa Vista a irem para Barbacena a fim de reconstruir suas vidas. Ela comenta as diferenças da realidade que vivia na Venezuela e da que experimenta no Brasil:

Você imagina ter que comer sardinha todo dia? O que sente ao comer sardinha com mandioca? Só comer isso? Tem que comer farinha e tem que moer o milho e faz a farinha, porque a que se faz arepa, não consegue. Essa desapareceu da Venezuela. Então as pessoas comem farinha se não tem mandioca, porque não tem espaguete, come essa farinha moída. A pessoa consegue, vai num coche e a mói. Comer todo dia isso, só sardinha, só mandioca, uma pessoa que comia carne todo dia? Porque comer carne não deveria ser um luxo, ter um telefone, um carro, não deveria ser um luxo, deveriam ser coisas normais! Coisa normal! Viver numa casa, ter uma TV, são coisas normais na vida, mais básico, mas é como que, imagina... É forte porque, por exemplo, quando você chega a começar a comer comida e ver carne, frango, de tudo, entra num supermercado e ver comida. Entramos num supermercado aqui, o Mineirão, enorme! Tem de tudo!

As possibilidades que o trabalho proporciona para eles trazem certa dignidade, inclusive de escolher o que comer. Ela continua:

*Aí então você imagina, por exemplo, chegar da Venezuela e ver isso! É como ver a glória, entende? **Porque aqui você pode comprar a comida que você quiser, ter na sua casa comida, entende? E em Venezuela não pode fazer isso. Por exemplo, um prato com arroz, com frango, com salada, com tudo e sentar aquela família e comer sardinha com mandioca? Dá tanta tristeza!** (grifos nossos).*

A noção do trabalho como fonte de dignidade social foi um dos temas analisados por Max Weber (2004, p. 72) em seu clássico *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo*, com a tese de que um dos efeitos sociais desencadeados pela Reforma Protestante foi, exatamente, transformar o trabalho cotidiano em uma espécie de prova terrena de um estado de graça, isto é, "[...] a valorização do cumprimento do dever no seio das profissões mundanas como o mais excelso conteúdo que a autorrealização moral é capaz de assumir". Ademais, para além da literatura acadêmica, o imaginário coletivo de nossa sociedade é, em alguma medida, povoado por noções que relacionam trabalho e dignidade social, tendo em vista ditados populares como "o trabalho dignifica o homem" ou "Deus ajuda quem cedo madruga". Nesse sentido, um imigrante refugiado identificado como trabalhador tem, em tese, condições mais favoráveis para conquistar a aceitação da comunidade em que se insere do que um imigrante refugiado acometido pela alcunha de "preguiçoso", "vagabundo" ou qualquer adjetivo que opere, no imaginário coletivo, como antônimo de trabalhador.

Se o trabalho possui, entre outras alcunhas, uma dimensão simbólica e identitária, ainda segundo Weber (2004), sua rentabilidade define o poder de consumo do trabalhador,

poder econômico, mas também simbólico. Para Rafael e Oliva, o salário recebido vai ser aplicado na vontade de consumir, sendo a comida o exemplo primeiro de possibilidade de escolha como representação da independência, ao passo em que comer sardinha com mandioca simbolizava a falta de autonomia devido às dificuldades financeiras. Sahlins (2003) demonstra que a utilidade da coisa, do objeto, dá-se pelo seu significado na sociedade, em “um sistema simbólico”. Para os Gonzalez, a partir da vivência de Olívia enquanto residente da Venezuela, a comida, objeto que era constante em sua mesa, assumiu um significado para além de sua natureza e finalidade – matar a fome –, tornando-se um lembrete da sua condição financeira.

Trata-se de situações que contribuem para sua visão sobre si e sobre o outro, fazendo com que sejam pessoas mais empáticas por já terem experimentado dificuldades, tanto na Venezuela quanto nos momentos em solo brasileiro. Devido ao que passaram e pela norma segundo a qual agem em razão da sua identificação como cristãos, procuram ajudar outros a viverem melhor, enviando, por exemplo, algum dinheiro que auxilie na alimentação.

Durante a entrevista com Olívia, em sua casa estava uma família venezuelana, também refugiada, constituída por pai, mãe e filha bebê recém-chegados de Boa Vista. Foram pessoas que os Gonzalez conheceram quando estiveram na cidade e para quem, ao conseguirem se estabelecer em Barbacena, enviaram dinheiro a fim de que pudessem sair das condições precárias em que estavam. Quando perguntada se foi a Aliança de Misericórdia que trouxe a família para

a cidade, Olívia responde: “Não, minha mãe e eu juntamos dinheiro e trouxemos eles”.

Os atos de solidariedade da família Gonzalez fortalecem suas identidades, algo que construíram em sua terra natal e que agora ressignificam no contexto brasileiro. Sobre os aspectos da cultura brasileira, Rafael diz:

Eu quero que meu filho pegue essa cultura, goste dessa cultura. Porque eu já passei por tudo isso de... E eu não quero que meu filho passe por tudo isso, eu quero que meu filho goste de ajudar a outra pessoa também, porque eu já passei por tudo isso também. Eu acho que a pessoa tem que ajudar a outra pessoa, querendo, como a si mesmo. Eu acho que como disse na Bíblia, de Deus, quando uma pessoa gosta de ajudar outra pessoa, Deus olha isso. Ai Deus multiplica pra você, então eu quero que meu filho consiga fazer isso.

Os gestos solidários que receberam de brasileiros demonstram um aspecto da cultura do Brasil, ao ponto de serem reconhecidos por Rafael como uma característica da identidade do brasileiro, algo que também é atrelado ao rótulo de cristão compartilhado por muitos brasileiros e que, portanto, será ensinado ao seu filho. Olívia também fala sobre as diferenças culturais:

Bom, me parece que toda essa adaptação, o costume é um processo, porque o país Venezuela é muito pequeno e tem uma cultura muito específica, entende? Se come arepa, todo mundo come arepa, se tem uma coisa específica, todo mundo faz e aqui no Brasil não. E por exemplo são culturas bastante, bastante diferentes, parece que são pessoas muito distintas. Penso que são um país distinto e as pessoas também são, de culturas distintas, mas me parecem

peessoas bastante legais. Eu não sei. Eu estou trabalhando e não tive tempo de sair para conversar.

Sobre o aspecto cultural, ao qual se refere a fala de Olívia sobre a arepa, uma comida típica venezuelana feita de milho (fubá pré-cozido), como símbolo de sua origem, diferenciando-a da cultura brasileira, Sahlins (2003, p. 170) nos mostra que os hábitos de alimentação provêm de uma racionalidade cultural, ou seja, há coisas que escolhemos comer e outras não, e isso parte de um significado coletivo e há “justificativas biológicas, ecológicas ou econômicas” por trás. Segundo a jornalista Clara Peron, a arepa vem da herança dos povos originários e é consumida na Venezuela no café da manhã e no jantar. Ela pode ser uma base para diferentes recheios.

Segundo alguns estudiosos, o nome deriva de “erepa”, palavra que os índios Cumanagotos usavam para se referir ao milho. Outros afirmam que a palavra vem de “aripo”, uma placa de barro utilizada pelos indígenas para cozinhar milho (PERON, 2022).

Aqui, temos uma relação histórica e antropológica do significado das arepas: ainda que tenham sido apropriadas pelos colonizadores da Venezuela, fazendo com que fossem espalhadas por toda a nação, para os venezuelanos significam ser venezuelano. As arepas se tornaram “uma coisa específica que todo mundo [venezuelano] faz”, como explicou Olívia anteriormente. A arepa não é uma comida exclusiva da Venezuela, sendo consumida também em países vizinhos, como na Colômbia e no Panamá, porém, pelo seu significado, tornou-se parte essencial da cultura venezuelana.

Durante a crise econômica que Olívia experimentou na Venezuela, ela revela que até as arepas estavam desaparecendo. Ela diz que o milho precisava ser moído, fato que retornou nesse contexto de crise. Além de não terem acesso a proteínas animais mais caras, que, como Sahlins (2003) aponta, têm um “valor social” que influencia o valor econômico, a comida que mais representa a identidade venezuelana estava sendo perdida devido às questões econômicas.

Sahlins (2003) nos relembra que as crises despertam contradições, em que as pessoas empobrecidas vão se alimentar de comidas que não escolheriam antes. Como Olívia exemplifica: *“Então as pessoas comem farinha se não tem mandioca, porque não tem espaguete, come essa farinha moída”*.

Quando estão ainda em situação vulnerável na transição pelo Brasil, antes de se estabelecerem no país, também ficam suscetíveis a comer aquilo que lhes é dado, conforme várias vezes eles relatam que recebiam comida da Igreja Católica, ou quando conseguiam algum dinheiro compravam aquilo que era mais barato para se alimentar. Enquanto trabalhadores, em seus lares, passam a escolher as comidas que têm significado para eles, bem como as que a nova situação econômica lhes possibilita consumir.

Isolamento do refugiado e a construção das redes

O processo de migração do refugiado e sua entrada em um país novo – no caso dos Gonzalez, com língua e cultura diferentes – promove um crescimento da solidão. A família estudada tem o diferencial de ter migrado em conjunto, com a possibilidade de os membros se apoiarem nos momentos difíceis e encontrarem no seu vínculo familiar a força para suprir as necessidades emocionais, o que, contudo, não os impede de sofrer da solidão.

Os Gonzalez são obrigados a aprender o português como ato de sobrevivência, porque estar no Brasil sem conseguir ao menos falar um “portunhol” os exclui das relações com brasileiros e das oportunidades de emprego. Foi o que aconteceu com Olívia e sua mãe, que, ao não serem compreendidas, foram discriminadas e ignoradas. Tal situação os torna mais dependentes de outros falantes de espanhol e, nesse caso, de seus próprios familiares. Algumas relações que constroem com outros brasileiros estão baseadas na troca. Com os missionários da Aliança de Misericórdia foi assim, bem como com os militares no campo de refugiados em Boa Vista e com a igreja evangélica que frequentam. Sobre esta, Olívia relata:

Depois com os dias o pastor nos perguntou e escutou o idioma, falou: “Vocês não são daqui?”, e falamos em espanhol e ele “oh temos venezuelanos aqui”. O pastor é muito alegre! Já havia vindo a minha cunhada antes e num culto à noite ele nos apresentou a igreja e todo mundo nos conheceu.

Nessa oportunidade, a língua não foi uma barreira, mas alvo de curiosidade para os membros da igreja. Ao ser perguntada

se recebiam ajuda da igreja, ela responde: *“Sim, nos ajudou, [ajudou] a minha cunhada [Marina], com fralda, roupa, perguntando o que precisávamos”*.

Apesar de receberem ajuda da igreja e terem conhecido os membros, a relação não teve um aprofundamento ou um começo de amizade, a não ser com um funcionário da igreja, Diego, que os auxiliava mais diretamente. Olívia justifica essa dificuldade por trabalhar demais e folgar somente nos fins de semana. Seu momento de se relacionar com alguém fora do seu círculo familiar se dá no ambiente de trabalho ou eclesial. Notamos, ao entrevistá-la, que o trabalho se torna um motor em que se vive por ele e através dele. Como Sayad (1998) aborda em sua obra, é uma relação que serve de justificativa e de proteção contra a vulnerabilidade. O autor discorre a respeito da solidão e da melancolia quando interpreta como se dão as relações sociais e de trabalho com seus entrevistados.

[...] Mesmo o grupo mais unido dos amigos íntimos e dos familiares, e talvez este segundo grupo prioritariamente (o grupo cônjuge, filhos, pais, irmãos, irmãs, etc.) não baste para proteger da solidão (SAYAD, 1998, p. 115).

Ainda que Olívia seja próxima de sua família, principalmente de sua mãe, isso não impede que ela se sinta deslocada desse novo lugar e das pessoas com quem convive. Alguns somente a cumprimentam quando a veem ou, por estar frequentemente na companhia da mãe, falam com a matriarca em vez de falar com ela. Isso foi algo que percebemos nas nossas observações dos cultos na igreja. Os membros falam apenas

o necessário ou só os cumprimentam e logo seguem seus caminhos. O pastor Antônio reflete sobre isso:

Eles apenas têm participado dos cultos, não há uma integração ativa em um setor na igreja, pelo menos não no momento, até porque é um processo pra gente conhecer, ver de fato, quem são, qual o caráter, essas coisas... Então a gente tem conhecido aos poucos, parece que agora um pouco mais do que antes, eu não sei se isso é nosso, eu não sei se é parte da cultura, mas a gente vai ainda com o pé muito atrás até criar o vínculo, acho que desafio muito grande é criar o vínculo (grifo nosso).

Por serem imigrantes-refugiados, há uma rapidez em responder às suas necessidades visíveis, mas ainda existe uma resistência sobre eles, algo que também fortalece esse afastamento, essa solidão.

Nesse processo solitário, tanto Olívia quanto sua família são vítimas e algozes, pois o seio familiar pode significar uma proteção e uma zona de conforto em relação à ousadia necessária para conhecer alguém novo. Na primeira vez que conversamos com a família Gonzalez, curiosamente, Olívia e Rafael foram os que mais se engajaram na nossa conversa. É possível que tal ação tenha se dado pela proximidade de faixa etária, bem como por serem os membros da família que falam melhor o português. Inclusive, quando chegamos para conhecê-los, eles ficaram muito felizes de termos ido até eles para conversar, o que corrobora com nossa hipótese sobre a solidão que experimentam.

Essa característica reservada também é compreensível devido a tudo o que passaram no deslocamento da Venezuela

até Barbacena. Discriminações, “olhares tortos”, entre outros, foram ingredientes que colaboraram para a dificuldade de confiar nas pessoas e fazer amigos. Ambos, Olívia e Rafael, apesar das poucas experiências ruins com brasileiros, tiveram interlocuções mais na via da solidariedade, sem avançar para além disso.

Um caso diferente aconteceu ao conhecerem outros venezuelanos em Boa Vista, pois a própria identificação cultural e linguística facilitou o processo de levarem uma dessas famílias que conheceram na cidade para morar em sua casa temporariamente. Essa situação poderia resultar na criação de pequenas comunidades venezuelanas dentro de Barbacena, como aconteceu ao longo da história brasileira de imigração e refúgio em diversas cidades.

A dificuldade em criar vínculos mais profundos com brasileiros e a construção de redes entre outros refugiados venezuelanos afetam diretamente suas reconstruções identitárias, de modo que vão se naturalizando mais com a cultura brasileira e, especificamente, barbacenense. Assim, buscam manter os aspectos identitários já construídos na sua terra natal, como os hábitos alimentares e a língua, deixando o português apenas para os momentos de trabalho e/ou eclesiais, enquanto, entre si, mantêm suas heranças culturais. Tal situação é fluida, especialmente porque os bebês na família crescerão como brasileiros, em solo brasileiro e frequentarão ambientes de sociabilidade que os tornarão vetores de transformação identitária, de forma que serão algo da mistura entre Brasil e Venezuela.